

## Aspectos do fazer teatral na Fundação Casa

Karina Ribeiro Yamamoto  
Mestre em Artes Cênicas - USP  
Professora – Governo de São Paulo, Prefeitura do Município de São Paulo

**Resumo:** Neste artigo procuro elucidar que a prática do fazer teatral pode ser encarada como um encontro com o mundo “real”, através da ficção, colocando o sujeito de frente com questões que lhe são interessantes e fazendo com que ele reflita sobre elas, seja buscando resolver um problema em cena, seja para confrontar com a sua realidade. Partindo da Pedagogia do Teatro e de conceitos como o Teatro Fórum (BOAL, 1975) e os Jogos Teatrais (SPOLIN, 2001), tento adequar essas propostas ao ambiente da Fundação Casa, trabalhando com adolescentes em cumprimento de medida sócio-educativa de internação, em situação de sala de aula.

**Palavras chave:** Pedagogia do Teatro, Fundação Casa, Jogos Teatrais, Teatro Educação.

O Internato Pirituba é uma das unidades da Fundação Casa, a instituição que, no estado de São Paulo, é responsável pelos adolescentes de 12 a 21(incompletos) anos, que cumprem medida socioeducativa de internação<sup>1</sup>. Iniciei meu trabalho como professora de artes nesta instituição em 2005, via Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. Atuo, desde o início, no Internato Pirituba, única unidade a qual mantenho relações. Meu trabalho ocorre dentro da sala de aula, durante o período escolar, Escola Formal – consiste em uma grade curricular semelhante à das escolas estaduais e ocupa um período da rotina diária do adolescente, manhã ou tarde, de segunda a sexta-feira.

O trabalho em sala de aula ocorre de forma diferente ao de uma classe comum da escola pública, que possui série determinada e mais ou menos 40 alunos por classe. Na Fundação Casa, as turmas têm em média 10 alunos e são divididas por níveis:

Nível I: de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental

Nível II: de 5ª a 8ª série do Ensino Fundamental

Nível III: de 1ª a 3ª série do Ensino Médio

Sendo então as classes formadas com alunos de diversas séries, o trabalho precisa ser direcionado aos diversos níveis de conhecimento escolar a qual esses alunos pertencem. Existe no governo estadual uma proposta de equalização do ensino e sua forma de aplicação se dá por apostilas enviadas aos professores e alunos, no entanto, estas são separadas por série e não atendem as necessidades do grupo escolar ao qual leciono dentro do Internato. Existe a proposta da Fundação Casa do trabalho ser realizado com

---

<sup>1</sup> A Fundação Casa foi criada em 2006, como “substituta” da FEBEM (Fundação Estadual do Bem Estar do Menor), buscando novas propostas para o atendimento destes jovens. Maiores informações em [www.casa.sp.gov.br](http://www.casa.sp.gov.br)

apostila Enceja (Exame Nacional de Certificação de Competências de Jovens e Adultos), desenvolvidas pelo Ministério da Educação. Mas esse material também não se adéqua aos jovens do Internato Pirituba na disciplina Artes, pois que o conteúdo artístico fornecido pelas apostilas é inferior a quantidades de aulas de cada turma.

Tendo formação em artes cênicas, procuro direcionar o trabalho para o teatro, linguagem que tenho maior domínio. Sua introdução no Internato não aconteceu de forma tranqüila, já que se trata de uma linguagem ainda estranha a grande parte da população e pouco explorada nas escolas públicas, onde estudavam a grande maioria dos alunos atendidos aqui.

Logo nas primeiras aulas, recebi reclamações do coordenador pedagógico da época, que minhas aulas eram barulhentas e os alunos não estavam sentados em suas carteiras. Expliquei em HTPC (Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo), que a Educação Teatral possui um processo diferente da formação em Artes Plásticas, que é como a maior parte dos professores atuantes no ensino trabalha e que, atualmente, existiam outros professores de Educação Artística que não eram licenciados nesta linguagem, como eu.

Dentre uma série de tumultos gerados pelos jovens no Internato, em 2005 não ocorreu o trabalho teatral na unidade. Durante esse ano, a instituição FEBEM passou por uma série de dificuldades em diversas unidades, sendo o Internato Pirituba apenas uma delas. Em 2006, a direção do Internato Pirituba foi modificada e uma nova forma de gerir o cotidiano de trabalho foi implantada. Ao final daquele ano, toda a instituição FEBEM sofreu alterações, inclusive quanto ao seu nome, que passou a ser Fundação Casa.

Todas essas alterações puderam ser observadas no trabalho em sala de aula. Em 2006 pude iniciar um trabalho teatral, chegando até a apresentá-lo na unidade. Com a rotina de obrigações dos jovens modificada e um trabalho de contenção<sup>2</sup> proposto pela própria instituição (ainda FEBEM), muito do processo da sala de aula, da escola, automaticamente foi modificado, pois, a partir de 2006, pudemos contar com os alunos dentro da sala, participando das aulas, fato que não ocorria no ano anterior.

Neste ambiente, montamos um trabalho “Realidade da Febem”, sendo o texto e a encenação criados em sala pelos alunos, e apresentado na véspera do dia das mães, abrindo portas para uma nova possibilidade de criação artística dentro do internato. Esse trabalho pode ser ensaiado duas vezes no local da apresentação (o pátio), um grande passo num processo em que nenhuma atividade escolar (exceto Educação Física) era feita fora da sala. Esse acontecimento se deu devido a acordos estabelecidos com a área pedagógica e agentes de proteção, além do apoio de alguns professores. Não é possível realizar um trabalho solitário no Internato, principalmente quando nos atemos ao teatro, que é, em si,

---

<sup>2</sup> Conter as atitudes violentas dos adolescentes.

coletivo. É necessária uma busca por parcerias nos diversos setores para a concretização de qualquer projeto.

O ano seguinte, 2007, foi glorioso para o trabalho teatral no Internato Pirituba. Não apenas pude exercê-lo em sala de aula, como também expandir o trabalho para além das paredes da sala. Novamente com a compreensão e aceitação dos colegas de trabalho, pude estabelecer acordos para que os ensaios das propostas criadas em aula fossem feitos na quadra ou no pátio, e dessa vez foram vários os ensaios. Essa atitude criou confiança nos jovens que participavam do processo teatral, bem como demonstra que a linguagem artística oferece formas de liberdade que estão além dos muros que nos cercam.

O processo de criação sempre acontece dentro das salas de aula no momento das aulas de arte. Trata-se de um movimento contínuo e lento, baseado principalmente nos registros que são feitos durante as aulas, para que possam ser retomados na aula seguinte. Sair da sala para ensaiar normalmente só acontece depois que a turma já possui material escrito para ser apresentado e aprovado pela coordenação, seja um roteiro com as cenas ou mesmo uma construção dramatúrgica (normalmente desenvolvida pelo grupo, em que os alunos relatam, escrevo na lousa e eles copiam em seus cadernos).

No primeiro semestre de 2007, foram apresentadas três montagens teatrais, duas no Pátio I e uma no Pátio II (a unidade possui dois pátios, o I com cerca de 40 adolescentes e o II com aproximadamente 24). No pátio I, com a participação de 3 salas (1 nível 3 e 2 nível 2), criamos “O menino travesso”, escrita em aula pelos alunos do Nível 3 e encenada com a participação de alguns alunos das outras duas salas. A participação dos jovens do Nível 2 só aconteceu depois de todo o texto escrito e aceito pela coordenação para montagem e ensaio fora da sala de aula, mas ainda no momento da aula do Nível 3. Contando com a colaboração dos professores e agentes de proteção, pude deslocar os adolescentes participantes para uma única sala (chamada sala de vídeo, não uma sala de aula da escola, um pouco mais ampla), onde ocorreu o processo de montagem. Após, pudemos ensaiar no pátio, que foi também o local da apresentação.

Em seguida criou-se uma nova proposta o “Recanto dos Piabas”, encenação escrita pelos jovens do Nível 3 fora do horário de aula, criada por eles em seus momentos “vagos” e apenas aperfeiçoada pelo grupo (Nível 3) durante a aula, sendo nesse momento iniciada minha participação. Podemos perceber que o processo anterior deixou-os interessados e de certa forma conscientes do trabalho a ser desenvolvido. A montagem e os ensaios aconteceram de forma semelhante à anterior, pois já havia um acordo pré-estabelecido e que fora mantido.

Outro processo com evolução semelhante ocorreu no pátio II, mas diferentemente dos outros alunos, estes não desenvolveram a encenação a partir de um texto criado em sala, e sim das improvisações feitas em sala e que se transformaram em

roteiro de “O combate”, ensaiado em sala e posteriormente no pátio. É importante ressaltar que tal trabalho só ocorre quando existe a possibilidade de acordo com os funcionários que ali trabalham, já que se trata de um exercício que ultrapassa as fronteiras imaginadas inicialmente para o processo escolar, delimitado por uma rotina.

A compreensão por parte da equipe de trabalho do Internato de que o teatro precisa de “um outro espaço” – diferente da sala de aula (que é pequena), que permita àqueles que participam de uma ação teatral a criação de novos conhecimentos e naturalmente proponha uma relação de respeito entre eles – fez com que a possibilidade de fazer teatro, nesta unidade, repercutisse como algo vantajoso até mesmo para o cotidiano do internato. Aboliu-se o julgamento anterior de “barulho, brincadeiras sem função”.

Os três processos teatrais do primeiro semestre de 2007 foram encarados de forma tão positiva, que no segundo semestre tive a oportunidade de criar dois grupos extracurriculares, em forma de oficina que ocorriam fora do horário escolar, um trabalho voluntário. As duas ocorreram no pátio I, por questões práticas de espaço físico, uma pela manhã e outra pela tarde, na sala de vídeo. A oficina da manhã teve apenas três encontros e por motivos burocráticos do uso do espaço, se encerrou. Já a da tarde pode ocorrer até o final do ano, tendo cinco apresentações de uma seqüência de cenas criadas a partir de improvisos, durante o processo, apresentada três vezes no internato e duas vezes fora dele.

Pela primeira vez a repercussão do trabalho teatral ganhou outras dimensões além da Unidade, já que duas apresentações foram feitas fora dela. Se apresentar dentro do internato já era uma vitória, a possibilidade de ultrapassar seus muros, de encontrar novos públicos fez com que novos horizontes fossem almejados. Com a criação dessa nova possibilidade, outras vêm agregar-se, como “sair” não apenas para apresentar trabalhos desenvolvidos dentro do internato, mas de assistir outros espetáculos, como ocorreu em dezembro de 2008, quando um grupo de adolescentes assistiu ao espetáculo “Os Bandidos”, no Teatro Oficina.

Com um trabalho consistente, novas parcerias são criadas, novas possibilidades para o encontro com a arte também. No início de 2008, o fazer teatral no Internato Pirituba já se tornava algo consolidado, ao começar as aulas os alunos me perguntavam: “Senhora, quando vamos montar um outro teatro?” Ao iniciar um ano letivo, dificilmente teremos os mesmos jovens do ano anterior, o que naturalmente impede o retomar das atividades anteriores. Por isso, “um outro teatro”. No entanto, já cientes desse fato, os alunos criam a possibilidade de recomeçar, pensamento importante para o momento vivido.

Em 2008 foram desenvolvidas duas montagens: “Escravidão” (turmas da manhã) e “O jornal do povo” (turmas da tarde). Ambas tratavam do preconceito racial, cada qual da sua forma. O tema foi sugerido pela Fundação Casa por meio de um projeto interno

chamado “Quesito cor”<sup>3</sup>. O processo de criação foi em sala, durante as aulas, mas desta vez, de forma inédita, com a participação de todos os adolescentes de cada turma. Nem todos entraram em cena, mas a criação se deu com todos, através do acordo estabelecido em aula, de que só entrariam em cena aqueles que quisessem, mas todos ajudariam na criação da cena, dando ideias e improvisando cenas durante a aula.

Esse processo foi fruto do trabalho que já vinha ocorrendo, desde 2005. Na Pedagogia Teatral, a avaliação se dá durante o processo e não por um resultado final. É errôneo pensar que o final de um processo teatral se dá com a apresentação de um espetáculo. Não. A apresentação é apenas parte do processo. Essa é ainda uma dificuldade a ser superada nos processos teatrais no Internato Pirituba, que normalmente se encerram junto ao período letivo e pouco se consegue debater sobre o processo, após as apresentações, como ocorrido também em 2008, quando após a apresentação de “Jornal do povo” fora da unidade. Dois dias depois da apresentação, dois dos jovens participantes não estavam mais no internato e os que ficaram pouco falaram da apresentação, porque entendiam o processo como interrompido, não encerrado, mas foi o que acabou acontecendo.

Logo no início de 2009, um grupo de jovens foi ao Teatro Laboratório do Departamento de Artes Cênicas da Universidade de São Paulo, para conhecer o trabalho “por trás dos palcos”. Em uma parceria estabelecida com o Departamento de Artes Cênicas, os funcionários (produtor, aderecista, figurinista, cenotécnico, iluminador) abriram seus locais de trabalho e explicaram um pouco do que acontece nos bastidores da cena teatral. Essa visita foi realizada por apenas seis jovens, no entanto, a repercussão no internato foi grande, sendo que em duas semanas, já havíamos montado um novo grupo de teatro, sendo que este se assumia como “Grupo de Teatro do Internato Pirituba”.

Encenamos “Vidas em jogo”, uma montagem que falava sobre as escolhas que fazemos e suas conseqüências, criada pelos jovens em sala e improvisadas fora do horário escolar. Os alunos traziam as propostas das cenas já criadas para a aula. O processo de montagem foi rápido, pois havíamos sido convidados a participar do “I Festival de Teatro da Fundação Casa”, no entanto não pudemos realizar a apresentação porque esta seria fora da unidade e não fomos autorizados a sair, devido à epidemia da gripe H1N1.

Esse fato desmotivou o grupo, mas ao retornar as aulas, em setembro, retomamos os ensaios e começamos a fazer “ensaios abertos”, convidando os alunos que não faziam parte do grupo e alguns funcionários para assistir e comentar – plateia participante, buscando o que Desgranges (2003) chama de Pedagogia do Espectador. Foram três ensaios abertos dentro da unidade, e duas apresentações fora do internato.

---

<sup>3</sup> Maiores informações no site: <http://www.casa.sp.gov.br>

Desta vez houve duas conversas posteriores, mas nenhum ensaio. Novamente encerrou o ano letivo e com ele mais um processo.

O fazer teatral na Fundação Casa possui características próprias. Talvez esteja relacionada apenas a esta unidade, ao fato de ser conduzida pela mesma pessoa, no entanto, podemos afirmar que todos os processos ocorridos possuem características muito próximas: se iniciam na sala de aula; acontecem por interesse dos adolescentes, pois desperta o lúdico nos jovens e estes se permitem criar – sentem como um momento de liberdade, característica da arte; necessita de parcerias seja com os outros adolescentes, seja com os funcionários do internato; possuem poucas apresentações e se encerram com elas.

O fato do processo se iniciar em sala tem a ver com as aulas de Arte que ministro, voltadas à criação cênica. Esse costuma ser o primeiro contato efetivo dos jovens com o fazer teatral, em sua maioria, o primeiro em sua vida. Após esse contato, muitos deles se interessam pela linguagem e veem na criação cênica a possibilidade de se sentirem livres (conclusão retirada de relatos e cartas recebidas dos jovens durante esses anos de trabalho), um momento em podem ser eles mesmos, adolescentes, e falar, discutir temas que lhes são interessantes – já que costumo deixar o tema aberto para debate, independente se a escolha do tema foi feita por eles.

O tema, ainda que indicado por outros setores, acaba sendo determinado pelos jovens. Isso porque, no desenvolvimento, na criação de uma cena, o ponto de vista colocado é sempre dos jovens, já que eles entram em cena para improvisar, jogar com o tema. Muitas vezes procuro intervir no conceito que eles fazem do tema, oferecendo outras fontes que não apenas a “opinião deles”, como assistir a um vídeo, leitura de pequenos trechos de textos relacionados, observação de imagens (fotografias, pinturas, desenhos), o que tiver a mão. No entanto, é possível perceber que essa informação nova, que chega, apenas passa a ter sentido para os adolescentes quando proposta em cena. Por mais que debates sejam feitos sobre o material observado, quando ele entra em jogo, ganha novas dimensões e adentra a realidade deles. Sabe-se que o ser humano se usa do lúdico para recriar a realidade e esta é apenas uma possibilidade em que isso realmente acontece. Existem muitas formas de conhecermos o mundo. O fazer teatral proporciona o encontro com o fictício de forma “real”, colocando o sujeito de frente com questões que lhe são interessantes e faz com que ele reflita sobre elas, seja para resolver um problema surgido em cena, seja para confrontar com sua realidade. Relação com o teatro do oprimido, mas resolvido de forma diferente do que o teatro fórum.

No entanto, vale ressaltar que o trabalho teatral é permeado de regras e que estas são parte do trabalho a ser constituído. Elas também são debatidas durante os encontros (aulas), permeiam a criação das cenas e ajudam a construir o roteiro final. A

princípio, os adolescentes “tombam” nas regras, tem prazer em descumpri-las. No entanto, aos poucos, percebem que esse descumprimento não deixa o jogo acontecer. Questionam as regras, propõem mudanças que muitas vezes são aceitas e começam a encará-las de outra forma, bastante por sentirem-se criadores ou modificadores das regras, outro pouco por perceberem que sem elas não conseguimos evoluir.

Após a compreensão dos acordos feitos em sala e da criação das cenas, é chegado o momento de expandirmos os limites da sala, mas para que isso ocorra, é necessário estabelecer parcerias com o setor pedagógico, professores e agente de proteção. Vale ressaltar novamente que todo o trabalho ocorre devido a essas parcerias estabelecidas. É triste pensar que não exista um sistema de política pública nessa instituição, que viabilize processos dessa natureza. Então, novas regras se fazem necessárias e são estabelecidas (ainda como acordos), para podermos permanecer no pátio durante o horário de aula, já que, a princípio, ensaiar fora da sala pode ser encarado como distração e não trabalho. Por isso, os acordos precisam estar claros para todos os envolvidos, inclusive os jovens, pois assim, tomam consciência de que atos impróprios podem comprometer o trabalho inteiro.

São feitos os ensaios abertos ou apresentações. Os ensaios costumam ser mais produtivos, já que acontece o debate após a encenação e a plateia é avisada desse debate posterior, fazendo com que assistam com um olhar mais apurado, que não costuma ocorrer nas apresentações, sendo encarada apenas como entretenimento. Quando o ensaio geral é realizado, tendo como público os outros jovens que de alguma forma participaram da montagem, mas que não estão em cena, nota-se um sentimento de cumplicidade e parceria, tanto na forma como assistem a encenação, como no debate posterior, já que fazem indicações para o aperfeiçoamento da montagem.

Após a última apresentação realizada, ocorrem no máximo dois encontros nos quais conversamos sobre o apresentar-se, o contato com o público, suas sensações, vontades, planos, até mesmo problemas e melhorias das cenas da montagem e fim, encerra-se o processo de forma truncada.

No entanto, fica nítido que existe um processo teatral ocorrendo no internato, ele é constante não apenas para aqueles que participam ativamente, mas para os que estão envolvidos de alguma forma. Atualmente, quando existe a necessidade de ensaiar no pátio, não há mais tanta burocracia para impedir esse movimento. Por meio de conversas e avisos, mesmo em horário de aula é possível a ocorrência dos ensaios. Por meio da constância e dos resultados obtidos com o trabalho teatral, existe já um “espaço” que ele ocupa nessa unidade.

Muitos professores e funcionários me perguntam sobre os espetáculos que estão em cartaz, alguns se interessam em assistir, sabem um pouco do que acontece sobre as

artes cênicas na cidade. Alguns alunos pedem para que eu mostre os guias culturais todos os meses, perguntam sobre locais para irem (quando forem sair) e até mesmo onde podem fazer oficinas. Detalhes que indicam a passagem da arte, do teatro em suas vidas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOAL, Augusto. *Teatro do oprimido e outras poéticas políticas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

COHEN, Renato. *Work in progress na cena contemporânea*. São Paulo: Perspectiva, 1997.

CONCÍLIO, Vicente. *Teatro e prisão: dilemas da liberdade artística*. São Paulo: Hucitec, 2008.

COURTNEY, Richard. *Jogo, teatro e pensamento*. São Paulo: Perspectiva, 1980.

DESGRANGES, Flávio. *A pedagogia do espectador*. São Paulo: Hucitec, 2003.

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. São Paulo: Febem-SP [s.d.].  
FUNDAÇÃO CASA. *Quem somos*. Disponível em:  
<<http://www.casa.sp.gov.br/site/paginas.php?sess=1>>. Acesso em: 15 de abril de 2010.

KATZ, Helena; GREINER, Christine. A natureza cultural do corpo. In: PEREIRA, Roberto. (Org.). *Lições de dança 3*. Rio de Janeiro: UniverCidade, 2002. v. 3, p. 77-102.

MARTINS, Marcos Bulhões. *Encenação em jogo*. São Paulo: Hucitec, 2004.

PUPO, Maria Lúcia de S. B. Além das dicotomias. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE ARTE E EDUCAÇÃO, 15. Educação Emancipatória e Processos de Inclusão Sócio-Cultural, 2001, Montenegro, RS. *Anais...* Montenegro, RS: Fundação Municipal de Artes de Montenegro, 2001. p.31-34.

RUSCHE, Robson Jesus. *Teatro: gesto e atitude – “investigando processos educativos através de técnicas dramáticas, com um grupo de presidiários”*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano). Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.